

Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina Dr. Aloysio de Salles Fonseca, ex-presidentes, demais membros da mesa, senhoras acadêmicas, senhores acadêmicos, meus colegas, minhas senhoras e meus senhores.

A emoção me domina ao subir nesta tribuna para proferir meu discurso de posse como membro titular da Academia Nacional de Medicina. A Academia Nacional de Medicina foi fundada em 1829 com o nome de Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Em 1834, cinco anos depois passou a chamar-se Academia Imperial de Medicina denominação que permaneceu por 55 anos, ou seja, até 1889. A partir de então até hoje Academia Nacional de Medicina. Durante seus 172 anos abrigou em seus quadros pouco mais que 600 médicos. Nestes quase dois séculos de vida cultivava tradições que caracterizam e distinguem sua existência.

Ser membro titular da Academia Nacional de Medicina é distinção máxima que um médico pode almejar e alcançar.

A formalidade da solenidade de posse repete-se ao receber novo acadêmico, convertendo-se em momento novo, excepcional, inesquecível e definitivo na carreira de um médico.

Enobrece-me e me enfatua juntar-me aos maiores nomes da medicina brasileira. Emoção esta avultada pela fala de Paulo Couto. Palavras estas profundamente influenciadas pelo convívio familiar de anos, quando semanalmente, aos sábados, nos encontrávamos em casa de meu pai. Paulo Couto lá ia com seu pai Bernardo Couto, eram as sabatinas. Desde esta

época eu apreciava constante contato com a ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, pois, nossos pais eram membros desta casa e freqüentemente comentavam e discorriam sobre a importância da academia e sobre fatos que aqui aconteciam. Surgiam meus primeiros lampejos de ingressar na mais importante associação médica do país. Coincidentemente com meu desejo embrionário despontavam insinuações, primeiramente por meu pai, posteriormente por Bernardo.

Respondia então nesta época. Falta muito para ter currículo digno de concorrer a uma vaga na Academia Nacional de Medicina.

Do incentivo surgiram então insinuações, solicitações e cobranças. De meu pai freqüentemente ouvia que ele breve poderia requerer passagem para emérito e eu concorreria à vaga aberta por sua emergência.

O tempo flui e outros colegas me encorajam a ingressar na Academia Nacional de Medicina Pietro Novellino (freqüentemente na UERJ examinando concursos), Carlos Giesta (quando nos encontrávamos em clínica ou andando pela praia), Hélio Hungria (presença constante), Jayme Spectorow (quando me examinou em concurso para docente livre da UERJ), sempre que me encontravam, perguntavam, e aí? Quando é que você entra para a academia?

Quando Paulo Couto assumiu a cadeira n°24, estimulou fortemente minha candidatura. Coincidentemente um telefonema numa manhã de domingo do Prof Hélio Hungria, praticamente ordenava que eu concorresse a uma vaga na academia. Consultei na ocasião Felipe Queiroz Mattoso que me respondeu. Vou conversar com o prof Fraga e em breve lhe telefono. Menos que uma semana recebo telefonema em que Felipe Mattoso me diz: o prof Fraga transmitiu que está mais que na hora.

Conversei na época com vários acadêmicos recebendo apoio e incentivo de grande maioria o que muito me encorajou.

Com passagem de meu pai para emérito, candidatei-me a tornar-me membro titular na vaga ora aberta.

A responsabilidade é imensa. A alegria de ter conseguido o intento é enorme. A tristeza do impedimento de sua presença é incomensurável!! A satisfação de realizar um desejo que era também dele ultrapassa todos os outros sentimentos. Espero cumprir com minhas obrigações como membro desta associação como ele as cumpriu.

Que Deus me ajude e ilumine!

Durante minha campanha, nas visitas acadêmicas conheci seus membros e revi outros. A satisfação destes contatos, a convivência com

luminares, a construção de novas amizades, o estreitamento de outras, foram momentos únicos e eternos.

Para sintetizar estes notáveis, tais como o entusiasmo juvenil e contagiante do Prof Rubem Azulay, a vontade ferrenha do Prof Antônio Medina, a curiosidade científica do Prof Cotta Pereira, a sagacidade do Prof Sérgio Aguinaga, a jovialidade do Professor Fioravanti, a perspicácia e a verve do Presidente Salles Fonseca, percebi que não era fácil encontrar, mesmo em nosso rico vernáculo, as palavras as mais adequadas para descrevê-los. Lembrei-me então de personagem machadiano que utilizava o superlativo enfatizando os adjetivos, para explicar ou definir. Para definir os membros desta casa busquei o superlativo adequado. Percebi que precisava não só do superlativo, mas do superlativo do superlativo.

Para aqui chegar impõe-se longa caminhada. Os caminhos não são traçados sem ajuda. Meus colegas da UERJ – Roberto Soares de Moura, José Messias, Manoel Jansen, Cláudio Benchimol, Francisco Sampaio, Pedro Noleto, Pedro Sampaio, Jarbas Porto – meus colegas de turma Carlos Antônio Montenegro e Glaciomar Machado – muito me apoiaram, auxiliaram e incentivaram.

Quero aqui me deter em dois nomes. Ivo Pitanguy e Clementino Fraga Filho.

Com Ivo Pitanguy ingressei na cirurgia plástica. Com ele aprendi não só os passos cirúrgicos, mas, conviver com um homem maior. Apesar da familiaridade de mais de vinte anos, sua inteligência, sagacidade, comportamento ainda me encantam e surpreendem. Comenta-se que ao conhecer o homem o mito desaparece. Ou não conheço Pitanguy, apesar de todos estes anos de convívio estreito, ou ele é mesmo um mito.

Na campanha voltei a ter contato com meu professor do curso de graduação médica Clementino Fraga Filho. Durante minha passagem pela Sta Casa já o admirava. Seus conselhos e orientação foram frutuosos durante minha campanha. Mesmo depois de eleito aconselhei-me com ele. Procurei o superlativo para enquadrá-lo. Não encontrei. Todos os superlativos se apequenavam para adjetivar Clementino Fraga Filho. Qual o seu superlativo? Ele em si é o seu superlativo! Clementino Fraga Filho!!!

Ao lado dos acadêmicos que desde o início me ajudaram quero agradecer aos meus amigos que direta ou indiretamente contribuíram. José Maria Soares que sempre participou de minha vida e que veio de São Paulo associar-se à emoção deste momento, Claudia Sardinha que torcia como se estivesse numa final de importante competição esportiva, Silvério Lourenço que renunciou a seus inúmeros afazeres em São Lourenço para aqui estar presente, José Horácio Aboudib com quem convivo na cirurgia plástica há muitos anos, Ronaldo Pontes, colega de especialidade, Reynaldo Lins,

Roberto Magalhães amigo desde os bancos do vestibular, Waldyr Tostes Filho, Prof Eurys Dallalana pela sua ajuda e conselhos, a minha família, minha mãe Yedda, meus irmãos Márcia e Fernando, a meus filhos Letícia, Rodrigo e ao pequeno Gustavo. Nos agradecimentos, infelizmente, sempre omitimos alguém. Que me perdoe.

Paulo Couto. Conhecemo-nos nas sabatinas, já lá se vão anos. Apesar de hiato fui sempre tendo notícias de seus sucessos. De seu aprendizado com o gigante Nova Monteiro você estendeu sua formação em vários serviços na Europa. Chegando ao cume de sua carreira você enaltece a ortopedia, aliás, dignamente representada nesta casa por Dagmar Chaves, Haroldo Portela, Nova Monteiro, Donato D'Angelo, Carlos Giesta, e, mais recentemente por você e Karlos Mesquita. Sua competência profissional se expôs, operando várias pessoas de minha família, todas com sucesso absoluto.

Paulo, nosso convívio durante estes anos selou amizade que se solidificou nos rumos da academia. A maior riqueza do ser humano é a amizade. Você é queridíssimo. O superlativo é espontâneo. Vem do coração. Muito obrigado.

Venho ocupar a cadeira nº74 da Academia Nacional de Medicina cujo patrono é Arnaldo de Moraes.

Arnaldo de Moraes nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1893. Foi eleito para a Academia Nacional de Medicina em 15 de setembro de 1938, empossado em 27 de outubro de 1938. Formou-se em medicina em 1915. Em 1924 obteve o título docente livre de clínica obstétrica da FNM em concurso público. Em 1930 conquista a cátedra de clínica ginecológica da Faculdade Fluminense de Medicina e em 1935 a da extinta Faculdade Nacional de Medicina, hoje, Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1938 fundou a Casa de Saúde e Maternidade Arnaldo de Moraes. Publicou três livros e mais de 120 artigos, além de realizar inúmeros cursos de aperfeiçoamento em ginecologia. Foi o fundador e o primeiro diretor do Instituto de Ginecologia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu nome ficou definitivamente ligado à história da ginecologia no Brasil.

Faleceu em 6 de abril de 1961.

MÁRIO NEGREIROS PARDAL, foi o primeiro ocupante da cadeira 74. Nasceu em Niterói em 21 de abril de 1902. Formou-se em medicina em 1923 defendendo tese no mesmo ano. Em 1935 é nomeado por Arnaldo de Moraes assistente de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e logo em seguida o torna chefe de clínica. Foi eleito em 26/06/1946, como membro titular da Academia Nacional de Medicina tomando posse em 26/07/1947. Faleceu em 04/07/1970.

Entro nesta casa em vaga aberta pela passagem de meu pai a emérito.

João Cardoso de Castro sucedeu Mário Pardal. Foi eleito em 12 de novembro de 1970, sendo empossado em 17 de junho de 1971. Passou a emérito em 13 de abril de 2000.

Com meu pai efetuei minha formação humana e minha formação médica. Formação médica tanto do ponto de vista prático, como, principalmente ético. Com ele cursei o 6º ano médico, onde aprendi os princípios da cirurgia, e mais importante o trato com os seres humanos que do médico precisam.

Minha residência em cirurgia geral foi em sua companhia no Hospital Estadual Getúlio Vargas. Estes anos que passamos exercendo juntos a profissão fincou definitivamente minha moral médica de respeito e carinho pelos pacientes, do comportamento fraterno e ético com meus colegas.

Entro representando a cirurgia plástica, juntando-me a Ivo Pitanguy e a Talita Franco.

É com satisfação e alegria que discorro sobre a cirurgia plástica. Nesta área o Brasil é mundialmente reconhecido como tendo as melhores formações e cirurgiões de ponta.

A cirurgia plástica apesar de começar sua história confundindo-se com a própria história da medicina apreciou períodos de glória e fases de ostracismo. Durante a década de sessenta houve grande impulso na

especialidade que se firmou definitivamente no campo social e na área científica, com apreciável avanço para a medicina. Em todos os ramos da especialidade anotamos progresso. Impulso este que ocorreu tanto do aspecto médico como filosófico. A introdução dos expansores, o aprofundamento dos conhecimentos anatômicos, a pele sintética, a lipoaspiração, o uso adequado do silicone, os retalhos mio cutâneos contribuíram para melhor atendimento daqueles que e necessitam e solicitam a cirurgia plástica.

A cirurgia plástica trata de função e da forma, atendendo aos apelos de pacientes que por alterações que surgem com a vida possam manter suas atividades sociais em toda plenitude.

Para alguns a cirurgia proporciona a normalidade, obtendo formas harmônicas, em outros reaviva a forma perdida ou atenuada pelo tempo. À arte do bisturi se une à arte da vida. Entender os anseios daqueles que nos procuram é tão importante como saber operá-los. Diagnosticar as limitações de cada caso em particular assim como entender nossas próprias limitações é atributo nem sempre fácil. Avaliar as expectativas individuais, não raramente acima do que a ciência pode atingir, e adequá-las ao sonho de cada um, é tarefa do cirurgião plástico. Devolver a função, harmonizar a forma, atingir a normalidade, buscar a perfeição são atributos da cirurgia plástica.

Neste momento de festa agradeço ao Hospital Universitário Pedro Ernesto tudo o que me proporcionou e, antecipadamente o que vai ainda me proporcionar. Exponho minha vontade de que o prestígio da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ seja totalmente resgatado. Que o hospital universitário Pedro Ernesto volte a atender a população do modo que atendia há poucos anos.

Que Deus nos ilumine e acompanhe.

Muito obrigado.